



REVISTA ILUSTRADA
DE
Artes e Lettras

II ANNO ♦ ♦ ♦ 1912
Propriedade da Empresa da VIDA ARTISTICA

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS

3 mezes.....	8300
6 mezes.....	8000
12 mezes.....	15200

ESTRANGEIRO

3 mezes.....	8900
6 mezes.....	15800
12 mezes.....	33500

As assignaturas começam sempre no principio dos trimestres.

PREÇO AVULSO

40 RÉIS

Toda a correspondência deve ser dirigida para a

R. do Mundo, 81, 2.º — LISBOA

DIRECTOR

J. Pedroso Amado

CHEFE DE REDACÇÃO

Eduardo Fernandes

EDITOR

Ernesto Zenoglio

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO
Rua da Oliveira, (ao Carmo), 10 — Lisboa
Telephone 2724

À constancia se deve toda a gloria.

LUIZ DE CAMÕES.

TELEPHONE 1436

SÉDE-R. da Boa Vista, 160, 162 e 104

LISBOA

J. Vilanova & C.^a

Telegram.: **LOWSKY** LISBOA PORTO

FILIAL-R. do Almada, 113, 1.º

PORTO

OLEOS MINERAES

Especiaes para lubrificação de automoveis

GANHAM AS CORRIDAS DE RAMPA, A SABER:

O Ill.^{mo} Sr. Estevão de Oliveira Fernandes em carro Brasier lubrificado com o nosso Oleo Automobiliol A, ganha a taça dos Sports Illustrados.

O Ill.^{mo} Sr. Angel Beauvalet, em carro Berliet lubrificado com o nosso Oleo Extra-Automobil Cylinder, é o segundo classificado.

Advogado **José d'Arruella**

RUA DO OURO, 146, 2.º

Telephone 3216

Curso de Explicações

PREÇOS MODICOS

Rua Bernardim Ribeiro, J. F., 3.º E-Lisboa

SATURIO PAIVA

Cirurgião Dentista pela Escola de Paris

Rua de Santa Justa, 60, 2.º

Telephone 2765

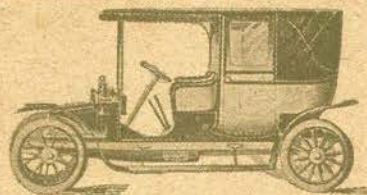
F. STREET & C.^o L.^{to}

ENGENHEIROS

MACHINAS

Telephone N.º 646  Rua Poço dos Negros

LISBOA



AUTOMOVEIS *

* **D'ALUGUEL**

Marca F. I A T.

Garage

Taxi SELLADO

Praça do Rocio

R. Actor Tasso, J. A. B.

Telephone 2698

SERVIÇOS A' HORA

Numeros dos carros: 19, 35, 122, 190, 875

CARROS ABERTOS, EM GARAGE

Alugam-se carros ao mez (atnrados) nas mesmas condições que as carruagens

PROPRIETARIO-VASCO JARDIM

Cordões de Ouro a peso!

HA NA OUIVESARIA DE MIGUEL E. J. A. PRAGA

Rua da Palma, 26, 28 e 30

ADELAIDE CABETTE

RUA AUREA, 266, 2.º E.

Consultas às 2 horas

MEDICA

Doenças uterinas

RUA AUREA, 266, 2.º E.

Telephone 2557

José Montez e Pedro Martins

ADVOGADOS

Consultas das 10 da manhã às 4 da tarde

RUA AUREA, 242, 1.º

Telephone 2330

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO
22, Travessa da Trindade, 24—Lisboa

Vinho Verde de 1.^a qualidade
Azeite de Castello Branco muito fino
Vinhos finos e licores

A'S NOIVAS

Não devem fazer as compras sem verem a grande variedade de «mofis, à-jours», desde 60 rs. a peça, passadeiras, rendas, soyeuses, nanzurks, chiffons, fitas, pannos, etc. para confeccionar o enxoval ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

CASA DOS BORDADOS
187, R. Aurea, 191 — Silva Roda

A REVOLUÇÃO PORTUGUEZA

O 31 de Janeiro por Jorge d'Abreu
1 volume profusamente illustrado,
o III da Bibliotheca Historica; já publicados os I e II, Revolução Franceza, 200 réis broxado, 300 réis encadernado em percalina.
A. David Encadernador, Rua Serpa Pinto, 54

F. CASANOVA DA FONSECA LEILÕES

Compra e venda de propriedades
Empréstimos
hypotheccarios e procuradoria

RUA D'ASSUMPCÃO, 67, 2.^o — LISBOA
(Esquina da R. Augusta) Teleph. 3418

COKE INGLEZ

PARA COSINHA
ANTARCITES

R. da Conceição, 125, 2.^o, D. — TELEPH. 1738

15\$000 RÉIS

Esquentadores d' cobre para banho
Ramiro Pinto & C.^a
146, RUA AUGUSTA, 148

Officina de Fundição de Metaes

TORNEIRO E GALVANISMO
FUNDADA EM 12 DE JUNHO DE 1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varões para montras, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua

Installações electricas

Dourar, pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES

Rua Saraiva de Carvalho, 69 a 95

TINTURARIA A VAPOR

DE

Augusto Pires Branco

Tinge toda a qualidade de fazenda de seda, lã e algodão, em todas as cores e peças de toda a qualidade de fazenda a preços convencionaes.

Algodões ou lã em fio. Lavagem de fato feito. Degraissage a sec. com brevidade e perfeição.

45, Calçada do Carmo, 47

Esta casa não tem succursaes

Maria Christiano,

parteira pela Escola Medica Cirurgica de Lisboa. Rua Antonio Pedro, M. R. J., r/c. Consultas e diagnosticos sobre Obstetricia.



TELEPHONE 2566

FAZENDAS E MODAS

MEIAS E PEUGAS

GRAVATAS E ESPARTILHOS

PREÇO FIXO

Fonseca & Fonseca

ROCIO, 4 e 5 — LISBOA



Photographia Portugueza

PROPRIETARIO

JOSÉ MARIA DA SILVA

O proprietario d'este estabelecimento empregou todos os esforços para que o publico seja servido com todo o esmero, mandando vir expressamente do estrangeiro machinas das mais rapidas e aperfeicoadas, tanto para pessoas nervosas como para crianças e reproduções, sendo feitos todos os trabalhos com nitidez, quer sejam retratos, mappas, quadros, etc., tendo o publico a vantagem de mandar fazer a encomenda fora do atelier e ate mesmo da capital, tendo para esse fim artistas especiaes. — Para os portos de Africa e Brazil empregam-se productos e especiaes para que os retratos possam conservar-se inalteraveis á accão do clima tropical. As casas que recebem encomendas das colonias ultramarinas, seja de photographia, em qualquer tamanho, crayon ou pintura, poderá n'este atelier executar-se, garantindo-se o melhor acabamento.

O preço dos retratos é de 600 rs. em formato pequeno e 4\$500 em tamanho natural

O publico pôde visitar esta photographia todos os dias, mesmo chovosos ou sanctificados, agradecendo o proprietario a extrema amabilidade de todas as pessoas que o honrem com a sua presença.

121, Rua do Poço dos Negros, 123 — LISBOA — Rua d'Alcantara, 25, 25-A

Epoca balnear — ERICEIRA

IVO DOS SANTOS BARROCA

COM

Casa de empréstimos *
* sobre penhores *
DE TODA A ESPECIE

74, Rua da Cruz de Santa Apollonia, 76
LISBOA

Café Electrico

RESTAURANT E BILHARES

RUA DE S. JULIÃO, 68 A 76 — LISBOA

MESA REDONDA ♦ Almoços . . . 500 rs.
Jantares . . . 600 »

Augusto Victor Roseira FABRICA DE AZULEJOS

Fundada em 1833
por Vicente Roseira

Premiada em diversas exposições
a que tem concorrido

Balaustres, Siphões, Figuras e Vazos

Esta casa possui a mais bella e variada colleção de padrões de azulejos.

Encarrega-se de todo o trabalho simples e ornamental, para o que tem pessoal habilitado.

Accetta o pagamento em prestações semanaes

DEPOSITO

28 RUA DOS CAMINHOS DE FERRO, 28

Collegio Francês

Rua Álvaro Coutinho (Avenida Almirante Reis)

LISBOA

INSTALLAÇÃO MAGNIFICA. Conforto e hygiene. Cuidado e carinho paternaes. Alimentação solida, abundante e variada.

A mais cuidadosa educação fisica, intellectual e moral.

Curso primario, dos liceus até á VII classe e curso pratico de commercio.

Matrícula permanente para alumnos internos, semi-externos e externos.

O DIRECTOR

Alfredo da Costa e Silva

Victor Manuel

CABELLEIREIRO
THEATRAL

Fornecedor de todos os Theatros de Lisboa

RUA DO OURO, 184, 2.^o

O mais completo sortimento em cabelleiras de theatro

Obras em cabelo em todo o genero

Preços em concorrência com as demais casas congeneres

Importação e Exportação

Lisboa, 10 de Março de 1912

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA "VIDA ARTISTICA"

DIRECTOR

J. PEDROSO AMADO

CHEFE DE REDACÇÃO

EDUARDO FERNANDES

EDITOR

ERNESTO ZENOGLIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. do Mundo, 81, 2.º
 LISBOA

ASSIGNATURA:

PORTUGAL E ILHAS

3 mezes.....	\$300
6 mezes.....	\$600
1 anno.....	1\$200

ESTRANGEIRO

3 mezes.....	\$900
6 mezes.....	1\$800

As assignaturas começam no principio dos trimestres.

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO

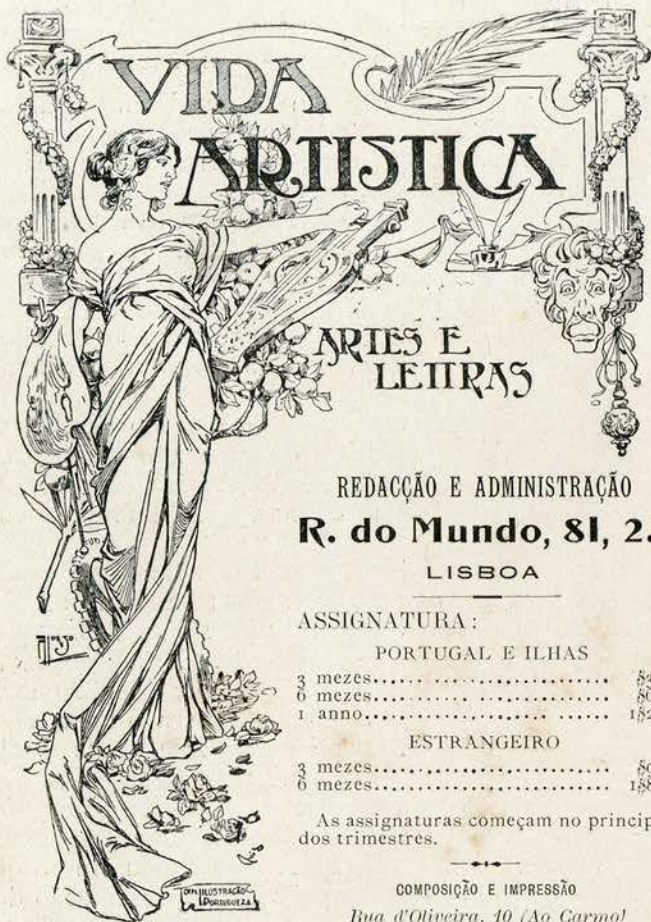
Rua d'Oliveira, 10 (Ao Carmo)

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Director:

R. DO MUNDO, 81, 2.º — LISBOA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS*Á constancia se deve toda a gloria.*

LUIZ DE CAMÕES.



Vida Musical

A illustre professora
D. Gertrudes Maria de Barros—A sua vida artistica—Conversando—O seu methodo de ensino—O sentimento no piano.

No meio musical em que vivemos, em que predomina a falta de iniciativa e as garras tenebrosas da inveja que tudo paralysa, qualquer, que dentro dos limites da modestia, vá alcançando um nome respeitavel na arte, é forçoso reconhecer que possui uma grande disposição e talento reconhecido. D'outra fórma ninguem o conhece e o *vulgo* olhará para elle com aquelle risinho cretino, que dá cabo d'um artista se este não tem a coragem necessaria para se livrar d'essa rêde tenebrosa!

Vem isto a proposito de vir fallar hoje d'uma distincta professora de piano, D. Gertrudes Maria de Barros, que possuindo um tão grande

veo de modestia, tanto para pasmar nos tempos d'hoje, tem sabido á custa do seu talento crear

um nome pouco vulgar e concorrido para que o cultura do piano entre nós tenha-se elevado um pouco mais, do cahos artistico em que tem permanecido!

Esta distincta artista, desde muito nova revelou grandes disposições para a musica; matriculando-se no Conservatorio, fez o curso superior de piano, alcançando sempre distincção em todos os exames; discipula predilecta de Rey Colaço, logo que terminou o seu curso, isto é, ha quatro annos, dedicou-se ao ensino com um grande afan, sendo hoje considerada uma das melhores professoras de piano que possuímos.

Por varios artigos publicados aqui, já os

leitores sabem o que pensamos do nosso Conservatorio, estabelecimento organizado de fórma a atrofiar todo o sentimento musical dos alumnos, por isso para virmos hoje dizer bem d'esta



antiga alumna, hoje professora, é porque lhe achamos um *verdadeiro* temperamento musical, e que se pode salvar d'aquelle ensino tão falho em criterio artistico!

Em nome da *Vida Artistica* a fomos procurar em um dos dias da semana finda. A distincta professora recebeu-nos gentilmente, e deu nos a impressão de que é uma artista que vive longe do meio social, tendo a sua vida um fim unico — o trabalho!

N'uma pequenina sala, cheia de livros e musicas, encostado a uma parede, um piano jazia mudo, dando-nos a impressão que aquelle instrumento representa para a artista a synthese das suas melhores horas, d'esses momentos da existencia em que a alma se irradia no mundo da phantasia e nas regiões do ideal!...

D. Gertrudes Maria de Barros é uma senhora que falla e *sabe* conhecer os segredos da arte que cultiva; quantos desejariam possuir este dom!

Depois de nos contar d'uma fórma rapida a sua vida artistica, quanto ama o trabalho e a grande admiração que tem pelo seu professor Rey Colaço, perguntamos-lhe:

— Porque não segue a vida de concertista?

— E' impossivel, quando nos dedicamos somente ás lições, mal temos tempo quasi para estudar: como se pode dar concertos se não possuímos a technica necessaria?

— Tem muitas lições?

— Muitissimas, não calcula. Felizmente não tenho mãos a medir.

— Não tenciona organizar umas audições dos seus discipulos?

— Sim, muito brevemente; com uma escolha de musicas, feita d'uma fórma interessante entre nós.

— Quaes dos grandes mestres gosta mais?

— Bach, Beethoven, Chopin e Maskawsky.

— No ensino de piano existe entre nós um grave erro, não procurarem a disposição do alumno para este ou aquelle genero de musica; e assim tenho presenciado, por exemplo, no Conservatorio executarem a mesma peça á maneira de pianola!

— Para mim *sómente* o mecanismo, reprovo por completo. Desde principio, paralellamente á technica, vou incutindo na alma da creança o gosto pelas pequenas peças do grande compositor. Vou procurando incutir-lhes o colorido, revelando-lhes assim as bellezas da musica; d'outra fórma nunca poderão comprehender uma phrase bella, o encanto de um *addagio* de Beethoven. Não é nas peças de força que avalio os pianistas, mas sim nas obras de sentimento.

— Estamos de accordo, se o professorado pensasse como V. Ex.^a, o piano não seria considerado o maior martyr da humanidade!!!

A conversa já se ia prolongando e não querendo de fórma alguma roubar tanto tempo precioso á illustre professora, sahimos com a nitida impressão que esta distincta senhora é das raras que comprehendem a Grande Arte e que vê n'ella não um simples passatempo, mas um Ideal que illumina a vida, chamma do mysterio, fonte do Bello!

O anno musical em França—O que nos diz Dayroles

O anno musical (1911) em França, parece caracterisar duas tendencias que desde ha muito andam em lucta; uma que arrasta os espiritos para o progresso, para as regiões desconhecidas ainda, a outra que considera temerario lançar-se no desconhecido e tentar investigações fóra do dominio ja explorado.

Dayroles vê nas duas festas que se realisaram o anno passado, isto é, os centenarios de Listz e Ambrosio Thomaz, dois prototypos d'estas duas correntes.

Os concertos de Colonne e os do Conservatorio celebraram Listz dando a *Dante-Symphonia*, em que Listz resume a *Divina Comedia*, e a symphonia sobre o *Fausto*, tão abundante em innovações.

O theatro da Opera fez uma reprise do *Hamlet* com o celebre Renaud que Lisboa tão bem conhece, e com o grande Tita Ruffo, que tambem pisou o palco de S. Carlos; a *Opera Comica* apresentou essa encantadora *Mignon*. Listz personifica a tendencia para o *novo*, emquanto que Thomaz é o conservador da tradição estabelecida pelos mestres.

Pelas obras musicas dadas em França o anno passado, poder-se-ha notar uma tendencia para as obras antigas. A *Opera* deu em 30 de dezembro de 1910 a primeira representação do *Le Miracle*, opera á maneira de Meyerbeer; esta obra como apresentasse pouco relevo na accção dramatica, pouco tempo esteve no cartaz.

Seguiu-se depois a *Silveria*, de Giordano, que pouco agradou, não sei porque, pois achamos n'esta opera do auctor da *Fedora* uma grande riqueza de timbres e contrastes. O côro dos condemnados são paginas arrebatadoras. Foi ouvida uma epoca em S. Carlos, e não sei porque razão cahiu no esquecimento. Vale bem mais que a *Butterfly* de Puccini!

Alberto Carré, deu no seu theatro da *Opera Comica* algumas peças de valor: a *Heure Espagnole*, de Maurice Rovel, *La Jota*, de Lapparra e *Bérenice*, de Magnarel. *La Jota* é uma obra cheia de colorido, e a *Bérenice* é uma tradução fiel do genero antigo.

Rovel na *Heure Espagnole* é um grande *avancado* em materia musical, e quer chegar a coisas extraordinarias fóra dos limites da boa musica. A musica é uma arte para o sentimento do individuo, e desde que ella nos faz saltar na cadeia, não é musica mas sim um arranjo de notas.

Massenet e Saint-Saens com a *Dejanire* e *Don Quichotte*, foram dois auctores applaudidos.

Offenbach ainda triumphou nos *Cantes de Haffman*, *La Vie Parisienne* e *Madame Favart*.

Lecocq com o *Petit-Duc* ainda alcançou fanaticos por este genero de musica. As operettas austriacas, fizeram carreira no *Theatro Apollo*, em que a *Viuva Alegre* causou entusiasmo.

Guesbourg com o *Ivan le Terrible*, tambem apresentou certas novidades melodicis, embora o successo não fosse grande.

Dayroles diz que o anno de 1911 deve ser um aviso para os compositores que desejem fazer *coisas novas sem pensarem na arte*.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



A promessa

No alto da montanha, quasi tocando as nuvens diaphanas e o céu opalino, levanta-se a pequenina ermida da Virgem da Saude.

E' uma construcção primitiva e tosca, mas conservam-na tão branca e tão cuidada, que encanta osromeiros.

O interior é pobre, mas a linda Virgem enriquece-o com o esplendor do seu olhar, esse olhar bello e meigo que nos segue repassado de amor que nos mostra o seu divino Jesus, como esperança e amparo a todos os males.

O pequeno adro dá-nos um lindo, variado e opulento panorama.

Casaes e propriedades senhoris, vales e lezirias onde o gado solto e livre tritura a herva e corre contente. Searas de trigo sazonado esperando o segador que as decepe entre risos e cantos... Pomares de laranjeiras de folhagens verde escuro e fructos reluzentes — pequenas espheras d'ouro que o desejo cubiça. Oliveiras acinzentadas cruzam-se por toda a parte, como gigantesca farandola. Platanos seculares, prezas d'agua cristalina e pura, prados onde as abelhas pastam badalando, badalando o ritmo do sonho... Estradas sinuosas e brancas servindo palacios armoriados e levando o desenvolvimento commercial ás povoações distantes.

Ao longe, o formoso rio refresca a paisagem e dá-nos o peregrino e consolador encanto da frescura. Grandes barcos cortam aqui e além as aguas, onde o azul do céu se espalha á flux, barcos de velas rasgando o vento, lembram azas de passaros phantasticos. O mar ao longe levanta-se altivo, n'uma dominação de poder e de força.

A linda Virgem é de illimitada devoção para todas aquellas povoações, attende sempre a todas as rogações, consola todos os infortunios.

Ajoelhada na capella, curvada e soluçante aos pés da Virgem, está uma rapariga; reza com fervor e estorce as mãos n'um estranho desespero. Passado um bocado ergue-se confiada e affasta-se, mas ao chegar á porta volta-se e envia á Virgem um longo olhar nublado pelas lagrimas.

E' uma camponeza formosa. Dezoito annos e os mais lindos olhos negros que tenho visto, bocca pequena de labios sensuaes e escarlates, dentes brancos, que a brôa branqueou. Tem linha elegante o quebrado da cintura salienta as ancas fortes, o busto desenvolvido e firme offerece uma plastica impeccavel, que tentaria um escultor.

Puz-me a seguil-a. Caminhava agitada, o passo vacillante e o lenço que levava aos olhos mostravam-me que chorava.

Que dôr seria aquella?

Entrou por fim n'uma casita pobre, antes porém de entrar, escutou comprimindo o peito com as mãos crispadas, n'uma grande e muda afflicção.

Quiz conhecer o segredo de tamanha angustia; uma visinha que costurava assentada na soleira da porta, contou-se o que sabia.

Anninhas, lindo e suggestivo lyrio, era orphã de pae. Só tinha de seu a brilhante mocidade e o sol esplendoroso que lhe doirava a pelle e as noites bellas que a encantavam de sonhos venturosos.

Trabalhava no campo, canceiras, fadigas não a quebrantavam.

Trabalhava, moirejava alegre o sustento da mãe.

A formosura da rapariga acarretou-lhe a inveja das mulheres e o desejo dos homens; todos a cubiçavam.

Aos domingos era vel-os nos seus fatos domingueiros, de camisas nevadas, cintas flamantes e grandes chapeirões, encostarem-se donairosos aos varapaus de pontei-ras reluzentes, bamboleando-se orgulhosos, em attitudes provocantes.

A rapariga desdenhou-os até ao dia em que o coração lhe ficou prezo ao garbo do filho do Thomé da Herdade, rapaz bonito e grande tocador de viola.

Foi um idyllo apaixonado e febril que a enlouqueceu.

As palavras de amor que o homem amado nos murmura, repercutem-se atravez dos annos e sempre no coração da mulher, são ellas que lhe carminam as faces pallidas quando o ar luzente da saudade incide sobre as horas de sonho, que as suas almas sonharam.

Antonio ao oscular-lhe a bocca casta jurou que a desposaria, depois... que mais posso contar aos senhores? O dia que se levantou sobre essa noite de amor, encontrou perdida a pobre da Anninhas.

Continuaram os amores com o mesmo férvido entusiasmo, decorrido algum tempo Anninhas confidenciau a Antonio, entre beijos e lagrimas, que não podia occultar a sua deshonra, que dentro em pouco o seu nome seria cuspidio com desprezo por todas as boccas.

—Antonio, meu grande amor, meu unico amor, juraste ser meu marido; cumpre o teu juramento! Oh! cumpre-o pelo amor de Deus!

—Sim, mais tarde, socega, estou já dispondo meu pae para me dar o consentimento, porque, bem vês, sem elle o permitir e nos ajudar, como poderemos viver?

Anninhas não era já a flôr altiva que passava insolente de belleza; escondia-se agora, pobre violeta, das vaias dos impiedosos.

No fim d'alguns mezes ouviram-se na casita gemidos lancinantes, gritos roucos e depois uns vagidos tremidos.

Nascera a filhinha. Anninhas quebrantada e pallida olha a pequenina vida, a quem a sua leviandade enfaixa de vergonha. Não tem nome a dar-lhe! O aviltante anathema de filho natural ficará como ferrete infamante a marcar-lhe as carnes tenras. Filha do amor, isto é, votada a todas as affrontas!... Se a boa e santa Virgem fizesse o milagre de a purificar e rehabilitar!

Antonio assim que viu a filha teve como que um repelão de remorso. A carinha de feições indefinidas, mas que os paes acham logo lindas, dormitava. A projecção de luar que vinha beijal-a, vestia-a de luz; tão pequenina! Parece divina ao coração do pae!

Decorreu um anno. A creança é linda, não está ainda baptisada.

Uma noite adoeceu de repente, e o medico chamado á pressa, disse não ter meio de a salvar.

Anninhas junto do berço, chora, — a ferida que a deshonra lhe abriu no peito não se compara á dôr que n'este momento a trucidada.

Antonio ama a filha, reconhece n'esse instante que não poderá viver se a pequenina morre.

—Anninhas, promessa solemne, juro pela nossa Virgem que casarei contigo se a nossa filha se salva.

Anninhas corre á pequenina capella onde eu a vi ajoelhada, ahi exora a vida da filha e conta ingenuamente á Virgem, a promessa de Antonio.

Esperançada, palpitante, entra em casa.

—«Não sei porque milagre, diz o medico que acabava de chegar, se salva esta creança, mas é certo que a encontro muito melhor e posso affirmar que dentro em pouco estará boa».

Divina alleluia no coração dos paes! Ao ouvirem estas palavras entreolham-se os dois sorrindo e ajoelham commovidos, gratos ao grande milagre, ao divino milagre. Alvorada de luz que os inunda de felicidade, que os deslumbra de ventura!

D'ah! a dias voltei á aldeia, era o dia da bôda e do baptisado, dupla festa, em que os corações batiam unisonos e cantavam os trechos deliciosos do amor e da gratidão.

A pequenina Maria sorria aos paes — benção do céu sobre as suas vidas — e punha no coração d'elles, a esperanza de muita felicidade.

Repicavam os sinos alegres, festivos, e a doce Virgem no altar-mór abençoava essas vidas que a muita Fé tornava felizes.

LUZIA FONSECA.

Primeiro anniversario da "VIDA ARTISTICA"

Agradecemos muitissimo, a todas as pessoas que nos teem enviado cartões e telegrammas de felicitação pelo primeiro anniversario da nossa revista, que completa com o presente numero um anno de publicação.

A todos os nossos leitores, assignantes e annunciantes, igualmente agradecemos reconhecidissimos o auxilio que teem dispensado á «Vida Artistica» favores a que deligenciaremos saber corresponder.

Uma obra util

Por uma circular que temos presente, vemos que reuniu no dia 10, na Associação dos Artistas Dramaticos, todo o pessoal dos theatros, afim de ser apreciado o projecto da fundação d'uma Cooperativa de consumo, extensiva a toda essa numerosa classe, partindo a util e sympathica idéa d'aquella Associação.

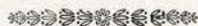
Todos os que vivem do theatro ou que d'elle se acercam, poderão gosar, segundo se affirma, das prerogativas de se inscreverem socios da prestante instituição e usufruir-lhes as garantias correspondentes, a começar no auctor dramatico e terminar no mais humilde dos trabalhadores theatraes.

N'um paiz onde se não tem a noção perfeita e completa das questões associativas, n'um momento em que a lição dos factos, constante e cada vez mais accentuada, não dá ás classes a somma de luz bastante para conhecerem a enorme força que reside na aggremação, achamos ousádo o movimento dos artistas dramaticos, — os pouco unidos por excellencia, — ao pretenderem lançar as bases para uma instituição, cuja influencia é decisiva, cujos beneficos effeitos a serem negados seria mais do que loucura.

Porém, onde a idéa, simples e boa, se nos afigura conter um grande principio de moral a tirar, é em derivar d'uma classe que não tendo uma vida desafogada e livre se preocupa, além das suas questões, com as que interessam ás outras classes, envolvendo-as assim nas mesmas aspirações, nos mesmos interesses. Este caso denota uma generosidade que é norma do actor, pois não raro o vemos entregar-se despreoccupadamente á missão de alliviar infortunios alheios, esquecendo os seus proprios.

N'esse amplexo de elevada confraternisação, ha um sentimento extraordinariamente affectivo que emociona e enthusiasma, ainda os menos sujeitos a exteriorisarem os seus pensamentos intimos.

Oxalá a util e sympathica iniciativa dos artistas dramaticos seja erguida acima da vulgaridade.



Juizos humanos

O meio de chegar á tyrannia, é ganhar a confiança da multidão; o tyranno começa sempre por ser um demagogo.

*

O raio paralysa o movimento, a electricidade cura a paralyisia.

*

Aquelle a quem pouco se perdôa, pouco ama.

X.



“DIONYSIOS”

E' o titulo d'uma excellente revista mensal de Phylosophia, Sciencia e Arte, que começou a publicar-se em Coimbra, sob a direcção de Aarão de Lacerda e João de Lebre e Lima, dois moços de notavel merecimento, e cuja visita nos foi dada receber. O seu summario contém vasta materia, immensamente rica de estudo e de interesse.

Saudamos muito cordealmente a brilhante revista, desejando-lhe larga vida.

Distincção merecida

Por occasião da despedida de Lisboa da eximia cantora Ester Mazoleni, sua ex.^a o sr. Ministro de Italia convidou aquella artista e seu irmão, o dr. Arrigo, para um jantar em sua casa, tendo recebido igual honra os maestros Giovanni Geanetti e Guilherme Polzinetti.

O jantar, se bem que tendo apenas por commensaes a familia do illustre diplomata e aquelles convidados, decorreu animadissimo pelo character intimo e artistico que a elle presidiu.

Origens da photographia

Em 1267, Roger Bacon descobriu a camara escura. Esta descoberta ficou quasi sem applicação até 1556, época em que alguns alchimisistas observaram os effeitos da luz sobre a prata. Poucos annos depois, Broughan, approximando esses dois factos, lembrou a possibilidade de se obter por meio de uma camara escura, uma impressão sobre o marfim sensibilizado, com uma solução de prata. Mas a descoberta real da photographia, coube a Niepce e a Daguerre, os quaes receberam como premio da sua invenção, uma doação de 4.000 e 6.000 francos respectivamente.

Para se obter um daguerreotypo era indispensavel uma exploração nunca inferior a 45 minutos.

A mais antiga photographia conhecida está actualmente no museu de Chalon Soane, cidade natal de Niepce. E' a de um retrato oval do cardeal d'Amboise.

Dorothy Draper, de New York, foi a primeira pessoa photographada. Seu irmão, mais ou menos na mesma época, isto é, em 1829, obteve a primeira prova photographica da lua.

Taes são as interessantes informações sobre os começos da arte photographica, que encontramos no *Cassels Magazine*.

Aos nossos artistas

Segundo nos communicam de Madrid, tudo ali se prepara para receber condignamente os nossos pintores que, decerto, concorrerão com os seus melhores trabalhos, para o esplendor da Exposição Espanhola de Bellas Artes, que ali se effectuará em Maio proximo.

O nosso bom amigo e distincto pintor Adelardo Covarsi assim nol-o participa tambem, dizendo que em Madrid ha o maximo interesse em conhecer as manifestações da arte portugueza, e em obsequiar os nossos artistas de forma que tragam grandes recordações quando de lá regressarem.

Este nosso amigo exporá tambem um quadro intitulado *La barberia de los contrabandistas* (typos portuguezes em Badajoz).



Impressões do entrudo

Vejo ante mim desfilar
A multidão divertida,
N'um constante gargalhar,
E fico a philosophar
Sobre os dislates da Vida.

Decorre o primeiro dia
Do carnaval folgazão
Que, encanecido na orgia,
Se tornou — quem tal diria?!... —
N'um velho semsaborão!...

Cae uma chuva meudinha
E faz um frio de rachar...
Eis que de mim se avizinha
Interessante creancinha
Vestida de nenuphar.

Que graça tem a pequena!...
E' toda a gente a miral-a...
Branquinha qual açucena,
Mimosa... causa-me pena
A' mãe não poder furtal-a!...

Pára agora uma cégada
E, do apito ao signal,
Pavorosa versalhada
Insulsa, em voz avinhada,
Canta o janota boçal...

Um gracioso *chéché*
Vem atrever-se commigo
Pedindo-me p'ra rapé...
E reconheço quem é:
Desventurado mendigo!..

Trota um caléche apressado,
A seda, pombos e rosas,
Com fino gosto apurado,
Custosamente adornado,
Levando mulheres formosas.

Quanto dinheiro preciso
Em tal luxo se consome!...
P'ra uns se encherem de riso,
Vivendo no paraíso,
Ha gente que morre á fome!...

Cabellos soltos ao vento,
Vitreo, febril, o olhar,
Em convívio turbulento,
Passando a todo o momento,
Rainhas do lupanar.

Inspiram melancholia...
Viçosas flôres da Matéria
Que o Vicio fanou um dia,
Lançando as na dôr sombria
Do tremedal da Miséria!...

Tão magro, aquelle rapaz
Vestido de luctador!...
Na cára tem um gilvaz ..
Talvez signal pertinaz
De algum ósculo de amor.

Dos palhaços, sim... gostei!...
Muito chiste... no emtanto,
Preocupado scismei
Se os esgares que lhes notei
Seriam de riso ou pranto.

Dos gallegos nada digo...
Coitados, fazem tristeza! ..
Pensado tenho commigo
Que pode vir um castigo
A quem zombar da pobreza.

Mascarados revestidos
D'uma certa gravidade
Deslisam emmudecidos...
Muito anchos, convencidos
Que intrigam: meia cidade.

Mas, afinal, os coitados
Aquece trega illusão
Que os faz gosar, enganados. .
Porque andando mascarados
Sabemos quem elles são!...

Que infinita variedade
De figuras conhecidas,
Da corrupta Sociedade,
Mostrando á luz da Verdade,
As mazellas escondidas!...
.....
Bello tempo de folia
Ha quem chame ao carnaval!...
Eu chrismo-o de phantasia
Macabra, louca, doentia,
Que enjôa, enerva, faz mal!...

Jayme Cunha.

Os progressos do Japão

Foi em 1867 que o porto japonês de Hyogo-Koblé foi franqueado ao commercio mundial. Mas, nos primeiros annos, era um porto apenas utilizado na pesca, e tendo ao pé uma miseravel aldeia. Seis annos depois, porém, o Japão, vendo que é um dos mais vastos, profundos e seguros do archipélago, melhorou-o tanto, que o seu trafego valia já mais de 21:104 milhares de francos, o que, em 1908, se elevou a 680 milhões de francos.

E o Japão não se contentou com tão bellos resultados, resolvendo agora gastar 32 milhões de francos com obras, que devem durar 10 annos, e que hão de transformar Hyogo-Koblé n'um dos melhores portos de todo o mundo.

Serão construidos novos caés, com a superficie de 26 hectares, e superiores 3^m,35 ao nivel da baixa-mar. Depois construir-se-hão quatro mólhes, cada um com 365 metros de comprimento e 100 de largura, separados por bacias, com a largura de 146 a 164 metros. A profundidade do ancoradouro, mesmo á borda dos mólhes, variará entre 9^m,14 a 10^m,16. Calcula-se que podem estar, depois, fundeados, 19 vapores e que haverá espaço e accomodações para a descarga minima de 2:100 milhões de toneladas de mercadorias por anno.

RESPIGANDO

Afirma esta secção, fructo da leitura de um estudioso, no decurso de sessenta annos.

E' um amigo pessoal e bem dedicado, o que se propõe presentear-nos com a sua valiosa col-laboração, producto como acima dizemos d'um aturado e paciente trabalho de umpilação du-rante mais de meio seculo.

Aqui lhe consignamos os nossos mais affe-tuosos agradecimentos e profunda admiração pelos seus famosos dotes de espirito e de cora-ção.

*

Não se ama muito tempo quem se não estima.

*

O amor é como a lua, quando não cresce, mingúa.

*

Quando o amigo pede não ha ámanhã.

*

A vida sem amor é sol sem eclipse, fonte sem agua, arvore sem folhas, corpo sem alma.

*

Quem tem sêde de amor, não tem tempo de escolher a bebida.

*

A amisade é semelhante a um bom café: uma vez frio, não se aquece sem perder bastante o seu primitivo sabor.

*

Raras vezes o que o homem deseja vale o que já possue.

*

A belleza nasce de virtude.

*

Grande saber é não escutar e comer.

*

O casamento é uma enfermidade social.

*

Nada ha mais doce de contemplar do que a convalescença de um ser amado.

*

O coração é uma lyra de sete cordas, seis para a dôr e uma para a alegria.

*

As creanças são as bonecas dos velhos.

*

A cubiça da riqueza é como o fôgo que nunca diz: basta.

*

A desgraça, longe de degradar um homem, levanta-o. se elle não fôr um covarde.

*

Os reis captivam facilmente as sympathias; e até os mais famosos demócratas se afazem á

brandura, beijando curvos a mão de principes cujos paes insultavam.

*

Todo o homem, que se casa, perde metade dos seus direitos e duplica os seus deveres.

*

O casamento é uma peça composta de dois personagens, mas cada um estuda o papel que pertence ao outro.

*

Todo o homem tem trez caracteres: o que tem, o que mostra e o que julga ter.

*

A caridade do pobre consiste em não dar ao rico.



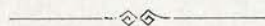
Aos nossos assignantes e leitores

Pedimos o obsequio da sua attenção para o annuncio hoje publicado na ultima pagina e na respectiva secção d'este jornal sob o titulo: «A Luctuosa», bem como para o contheúdo dos impressos que com o mesmo titulo lhes sejam distribuidos.

«A Luctuosa», conquanto seja uma agencia funeraria, deseja sómente ao contrario de todas as outras, *a vida e nunca a morte*. Esta bene-merita agencia é constituida por subscriptores, aos quaes offerece numerosas vantagens, dignas de toda a attenção dos nossos leitores, pois a todos sem excepção interessa.

Recommendamol-a pois, por a acharmos da maxima utilidade.

A leitura d'este annuncio como a dos allu-didos impressos, interessa egualmente ás pro-vincias.



O que bebem os grandes homens

Ha dois annos Masade publicou na *Revue* um inquerito sobre o que bebiam os artistas mais em voga na época. Muitos eram abstemios: o estomago e o cerebro não supportavam uma gota de alcool. Eram arthriticos e idiosyncrasi-cos cujo organismo soffria pelo uso de um sim-ples gole de vinho. Outros bebiam vinho, e mesmo licores, com alguma moderação. Nenhum confessou o seu amor á bebida, porque todos almejavam manter uma reputação immaculada. E' impossivel descobrir a verdade, interrogando aos homens contemporaneos; o véo da hypocrisia esconde o ponto fraco de cada um d'elles. Mais ensinamentos ganhámos estudando as bio-graphias dos sabios e dos artistas que não são mais d'este mundo. Sabe-se que muitas celebri-dades recorreram ao alcool para estimular as idéas; outros usavam, para o mesmo fim, do ether do haschisch e do café D'esse ultimo abusavam, morbidamente, o romancista Honoré de Balzac e o musico Rossin, autor do *Barbeiro de Sevilha*. O uso dos excitantes cerebraes é tão prejudicial ao genio como ao vulgo. Para manter a excitação é necessario augmentar a

dose, acabando-se por cair nas garras da intoxicação. O cerebro intoxicado deixa de pensar, assim como é impossivel contar se com o musculo esgotado por um dia de caminhada, e que se torna, por isso, um orgão physico logicamente inutil.

Innumeros factos provam o que affirmamos: Alfredo Musset, um adorador do absintho, deixou de escrever depois dos 37 annos, morrendo aos 47 de um aneurisma da aorta. Paul Verlaine escreveu os seus melhores versos na mocidade; quando morreu, em 1896, não era mais do que um vulgar alcoolista de idéas infantis e obscuras. Hoffmann, o creador da poesia fantastica, tornou-se logo obscuro e nebuloso. As suas obras, em vez de melhorarem, peoraram com a idade e com os progressos do envenenamento ethylico. Edgard Poë, que escrevia os seus melhores contos na excitação alcoolica morreu ainda moço nos horrores do delirium tremens. Todos os escriptores, notaveis pela duração da sua vida e das suas obras, foram sobrios.

As excitações artificiaes levam ao hospicio ou á morte. A influencia do alcool sobre a mentalidade humana não tem nada de obscuro e muito menos de mysterioso, como se poderia imaginar por certos escriptores mytho-maniacos, que sobre o assumpto bordaram as mais inverdicas fantasias.

O alcool excita o cerebro e nada mais — é incapaz de dar uma alma sublime a um ser vulgar, não é nenhuma limonada divina, que se possa adquirir em qualquer taverna; absolutamente, não. E' uma chicotada que age tanto sobre o lord Byron como sobre o trovador da esquina — chicotada que deixa signal e cuja accção é passageira como uma nuvem de fumo.

O artista, do mesmo modo que o sportman, não sente os efeitos estimulantes, senão por momentos e, depois de alguns minutos é a modorra, o cansaço, a incapacidade de pensar que surge ankilozando a mais forte vontade e a mais fulgurante intelligencia. A excitação nada tem de especial; é igual á do ether, á do haschisch, á do café e á do opio, esse gerador de milhares de imbecis, que, como uma procissão de fantasmas, vagueiam pelo oriente em fóra.

TiPOS ceerteiros

Acabe-se com as feiras

Ainda não ha muito tempo que em um artigo subordinado ao titulo «Vergonhas» e n'esta mesma secção, nos referimos ás nojentas feiras que se teem consentido n'esta capital com fóros de civilisada, que constituem uma das maiores vergonhas que podemos apresentar aos olhos de quem nos visita e não só d'estes, como tambem, de quem possui uma pontinha de amor por este invejado torrãozinho, onde tão insensatamente vivemos.

Mas, emfim, haja esperanza de melhor e conservemo-nos na expectativa; mas, o que não devemos é perder de vista aquillo que nos de-

prime e nos arroja o epitheto de borrachões e indecentes.

As feiras, como se teem feito em Lisboa, não são mais que uma exposição de miseria, mas miseria porca e um recinto quasi exclusivo para bebedos e rufias, onde as desordens se succedem.

Os theatros — até custa chamar-lhes assim — são, senão sempre, na maior parte das vezes, coios de mulheres, que procuram n'aquella especie de montra com maior facilidade, aquillo que, sem o auxilio do *ar scenico*, cá fóra não conseguem senão difficilmente. Sempre são actrizes... e está prompto... As *coisas* que ali se expõem ao publico, — claro está, ao publico que os frequenta, — são de fazer córar um arreeiro; sae-se d'esta fabrica de immoralidades com o fim de tomar um pouco de ar mais puro e somos logo atacados pelos cheiros nauseabundos dos azeites rançosos em que fregem as faturas; das sardinhas assadas e salgadas de ha uns poucos de dias; do carbureto com que pretendem illuminar bem, mas em que não sabem mecher; levamos uma serie de encontrões dos habitués d'aquella accumulção de tascas immundas e temos por fim que fugir ao som do sapateado, que parte de um grupello de rufias que se está exercitando no manejo das navalhas. E está o visitante com muita sorte, se só isto lhe acontecer.

Ora é com este convidativo divertimento que a Camara Municipal de Lisboa vae mais este anno mimosear o povo, em troca de umas centenas de mil réis que recebe pelo aluguel do terreno; esquecendo que se tem apregoado moralidade e vomitado civilisação em quantidade sufficiente para que se não consentisse agora esta já bem primitiva exhibição vergonhosa.

Consola-nos no emtanto, o vêr que uma grande parte do publico decente não põe lá os pés, prestando assim a merecida homenagem áquelle delicioso recinto, que bem necessitado está de um *castigo dos bispos*.

J. PEDROSO AMADO.

UM CASO CURIOSO

Quem ha dois dias passasse pelos lados da Patriarchal, sem duvida notaria um desusado movimento de transeuntes, o que aguçou a nossa curiosidade pois tambem por ali tivemos que transitar n'aquella occasião. A principio, julgámos que se tratasse de alguma brincadeira dos rapazes da Escola Polytechnica, mas dirigindo os nossos passos para ali, vimos que estes da mesma fórma acompanhavam a extranha pas-maceira das demais pessoas. Perguntámos a uns populares que discutiam acaloradamente o que daria logar áquelle aparato humano, e então os homens, assim, mysteriosamente, disseram-nos que se tratava de bombas.

Como era assumpto que em nada nos interessava, iamos a retirar-nos quando de repente ouvimos barulho que nos renovou a curiosidade,

Attentando um pouco melhor, distinguimos ao longe, para o lado da rua da Escola Polytechnica, muitos vultos negros, depois á proporção que estes vultos se aproximavam, vimos tambem gente finamente vestida dos pés á cabeça. Tornamos a perguntar se se trataria de alguma manifestação a algum politico e foi então quando soubémos toda a verdade e que mostra bem que o nosso povo ainda não abdicou do habito da pasmaceira quando se dá algum caso menos vulgar. O caso foi este: varias pessoas residentes no Ribatejo e outros sitios que ultimamente foram mais atacados pelos temporaes, ficaram sem um fio de roupa em casa por esta ter sido invadida pelas aguas e resolveram então todos virem a Lisboa, uns vestirem-se completamente, outros comprarem gabões ou sobretudo na casa José Clemente.

Ora este caso comquanto seja curioso não era de molde para tanta pasmaceira, demais que não era para admirar que procurassem a casa José Clemente, pois é a unica que vende bom e barato e faz fatos emquanto o demonio esfrega um olho.

Cartas Tripeiras

Para a apresentação da companhia que actualmente funciona no theatro Carlos Alberto, deu-nos os srs. Arnaldo Leite e Carvalho Barboza uma revista em 1 prologo, 3 actos e 12 quadros, ornada d'uma inspiradissima musica do maestro Fernando Moutinho, cuja revista se intitula *Ida e Volta*.

Esta nova revista está repleta de graça e a sua pornographia não fere os ouvidos mais púdicos.

Não julguem que *Ida e Volta* esteja isenta d'esse abominavel flagello dos theatros; não, possui pornographia, mas essa encoberta sob o véo do humorismo.

Esta revista tem numeros de bello effeito, sendo todos os quadros muito bem urdidos, cheios de vivacidade, excepto o sexto que é bastante monotono e parado, tendo só um numero que lhe dá valor que é o *Maxixe*, por signal mal cabido n'este quadro.

Ida e Volta está bem vestida e o scenario é regular. A musica, que é lindissima, possui numeros agradaveis, como o *Fado Chic* que é repassado de sentimento, pelo que dou os meus sinceros parabens ao distincto compositor que é Fernando Moutinho, pedindo-lhe ao mesmo tempo desculpa pela minha referencia ao seu bello trabalho ser pauperrimo, mas considero-me leigo em tal materia de arte.

Do desempenho da parte feminina é digna de destaque a distincta actriz Maria Pinto que andou correctamente, parecendo ainda possuir a graciosidade dos seus vinte annos.

Maria Alice deu vida a todos os seus papeis, sendo um valioso elemento n'este genero theatral e digna de applauso como Laura Ferreira.

Georgette Milly e Elisa d'Oliveira, que debutaram n'esta revista, desempenharam as suas

personagens com gosto, revelando terem bons predicados para a difficil arte que abraçaram.

No elemento masculino darei a primasia ao novel e sympathico actor José Malta, que andou muitissimo bem em todos os seus papeis, especialmente no *Lunatico* e *O Boneco de fogo*, aonde tem duas verdadeiras creações.

Em dar a primasia a este apreciavel actor, não tento desvirtuar o valor artistico de Duarte Silva, Francisco França e Oliveira, artistas mui queridos dos *habitués* d'este theatro, e que andaram primorosamente nos papeis a si confiados.

Humberto Miranda houve-se com distincção.

Bandeira de Mello, que tem uma bella dicção, deu ás suas personagens bastante realce.

Augusto Souza e Rodrigues Pereira andaram correctos, esperando vél-os n'uma boa companhia de operetta porque a isso teem jús.

Os restantes concorreram para a homogeneidade do conjuncto.

A encenação do actor Oliveira regular, os córos afinados e a orchestra superiormente conduzida pelo novel maestro Ferreira Junior.

Ida e Volta conservar-se-ha por longo tempo no cartaz? E' de prevêr, e assim o estimo.

Um abraço a Leite, Barboza e Moutinho, e um apeto de mão a todos os artistas por terem sido incançaveis cooperadores da obra d'estes sympathicos revisteiros.

— No Sá da Bandeira tivemos a estreia precipitada da companhia do Nacional com a peça *20:000 dollars*.

Abstenho-me de fazer referencia a esta peça devido ao numero de récitas que conta em Lisboa. Todos os artistas foram muito applaudidos, apresentando-se esta companhia sem ponto, o que bastante admirei.

EDUARDO DOS SANTOS.



S. Carlos—A's 20,30—*Trisção e Isolda*.

Republica—A's 21—*Primerose*.

Trindade—A's 21—*O rei das montanhas*.

Avenida—A's 21—*A casta Suzana*.

Apollo—A's 21—*Pão com manteiga—A feira do diabo—Pobre Valbuena*.

Fantastico—A's 20,30 e 22,30—*No reino da roleta*.

Salão Avenida—Variedades.

Salão da Trindade—Animatographo.

Salão Central—Animatographo.

Chiado Terrasse—Animatographo.

Salão Olympia—Animatographo.

Jardim Zoologico—Exposição d'animacs, permanente.

Theatro do Gymnasio

Na sexta feira passada partiu para o Porto onde vae dar uma serie de espectaculos, a companhia do theatro do Gymnasio.

A' gare toram despedir-se dos artistas, grande numero de amigos e pessoas de familia, vendo-se tambem alguns representantes da imprensa.

Que sejam felizes.

MERCEDES

MACHINAS DE ESCREVER

A MAIS PERFEITA E RESISTENTE

Rua Augusta, 75-Lisboa

Reparações em todas as marcas de machinas

Copias á machina — Traducções
Ensinho de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

Telephone n.º 3066 — Agencia no Porto

GARAGE ESTEPHANIA

107, 109, Rua José Estevam, 111, 113
LISBOA

Automoveis do aluguer da reputada
marca F. I. A. T.

Taxímetros, luxuosos e com chauffeurs
fardados

TELEPHONE 2698



EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO LISBOA

Navegação para a Costa Oriental — Sahida no dia 1 de cada mez.

Navegação para a Guiné Portu-
guezza. — Sahida no dia 14 de cada mez.

Navegação para a Costa Occiden-
tal — Sahida no dia 7 de cada mez.

S. Vicente, S. Thiago, Principe,
etc. — Sahida no dia 22 de cada mez.

S. Thomé e Landa. — Sahida no dia
25 de cada mez (vapor extraordinario).

Para carga, passagem e quaesquer infor-
mações, trata-se

Em Lisboa: Escriptorio da Empr za—R.
do Commercio, 85.

No Porto: Com os agentes H. Burmester
& C.ª, R. do Infante D. Henrique.



Cambio, Loterias
e Papeis de Credito

JOÃO RODRIGUES DA COSTA

SUCCESSOR DE

João Candido da Silva

196, Rua do Ouro, 198-Lisboa

COMPREM MUSICAS

NA

R. DO OURO, 63

Raul Venancio

CESAR A. PAIVA

Cirurgião-dentista
do Hospital de S. José e annexos

Premiado na exposição internacional de
Paris de 1900, com menção honrosa, a uni-
concedida pelo jury a expositores portugue-
zes d'esta classe.

Collocam-se dentes desde um até a denta-
dura completa. Tratamento especial de mo-
lestias de bocca.

R. do Arsenal, 100, 1.º

Telephone 3355

LISBOA

606

Tratamento da syphilis pelo
«Salvarsan», systema de
Ehrlich, pelo

D. Decio Ferreira

RUA GARRETT, 81, 1.º, E.
Telephones 2570 e 3099

Aos srs. Dentistas

Ensinam-se protese por preços economicos
na acreditada officina de

FRANCISCO BARCELO

RUA DO PRINCIPE, 82, 3.º-LISBOA

SOPHIA QUINTINO

MEDICA

Consultas diarias na

RUA DA PRATA, 93, 2.º D.

DA 1 ÀS 3 Telephone 2172



A NACIONAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sede na sua propriedade: 14, Avenida da Liberdade, 14

LISBOA

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital 500:000\$000 réis

FUNDADA EM 17-4-906

Reservas 171:746\$096 réis

SEGUROS DE VIDA E SEGUROS TERRESTRES E MARITIMOS

Prestam-se todas as informações verbalmente das 10 e meia ás 17 e meia, na sede da Compa-
nhia, ou por escripto na volta do correio.

Director — Fernando Brederode

Sub-D rector — José A. Quintella

Gaz e Acetylene

30 % mais barato que qualquer outra
casa, em candieiros e gazometros.

57, RUA DE S. NICOLAU

BICO BELGA

Ourivesaria Cunha

Rua da Palma
100 a 106

Telephone n.º 1924 ♦ ♦ ♦ LISBOA

Grande sortimento de objectos de ouro e
prata a peso, taes como cordões, cadeias e
pulseiras, serviços para almoço, faqueiros,
terrinas, pratos cobertos, serpentinhas, tabo-
leiros, salvas, castiças, jarros e bacias, etc.,
crystaes, guardados em prata e muitos ob-
jectos em estajo proprio para brindes, desde
1\$000 réis.

Compra antiguidades, ouro, prata, platina,
joias e cautellas do Monte-pio Geral.

VESTIDOS DE SENHORAS E CRIANÇAS

LAVA, LIMPA E TINGE

TINTURARIA CAMBOURNAC

10, Largo da Annuciada, 10

Rua de S. Bento, 175-A

LISBOA ♦ ♦ TELEPHONE 562

MALAS GRANDES para viagem, mali-
nhas de mão para
senhoras, oleados diversos, tapetes e muitos
mais artigos. Preços sem competencia.

CASA TRANSMONTANA

RUA DO MUNDO, 19 R. S. Roque, ao Camões

ALMANACH FAMILIAR

Fundado em 1850

Preço 800 rs. \$ Livraria do Clero

RUA DE S. ROQUE, 9

HIGIENE DA CABECA

LOÇÃO DE VIOLETAS BROTEHO

A venda nos estabelecimentos do costume

THOMAS MENDONÇA, FILHOS

43, Calçada do Combro, 45—LISBOA

A LUCTUOSA

Agencia de funeraes e lucto, por subscriptores

ESCRITORIO — RUA DO MUNDO, 81, 2.^o
LISBOA

UM POR TODOS, TODOS POR UM

Tres cathegorias de subscriptores

1.^a cathegoria 60 rs. por semana.

2.^a cathegoria 40 rs. por semana

3.^a cathegoria 20 rs. por semana

São enormes as vantagens que esta agencia offerece aos seus subscriptores e por isso se pede o favor de ler com attenção os impressos que forem enviados n'este sentido.

Ao contrario do que talvez muita gente imaginará, **A LUCTUOSA** apenas lucrará com a longa vida dos seus subscriptores e nunca com a sua morte.

Funeraes gratis e dinheiro para lucto a todos os subscriptores

Esta agencia tambem se encarrega de funeraes de pessoas que não façam parte da lista dos subscriptores, em condições muito vantajosas.

Encarrega-se mais de: Trasladações, compras e vendas de jazigos, tratamento e conservação de covaes e jazigos, o mais economicamente possivel.

Venda de corôas em todos os generos e dimensões

A LUCTUOSA

Encarrega-se de todos os serviços funerarios,
garantindo a maxima seriedade e preços mais economicos que em qualquer outra parte

R. do Mundo, 81, 2.^o - LISBOA